

ALFABETIZAÇÃO DOS SURDOS

SANTOS, A. A.¹; SANTOS, L. F.¹; MENEZHIN, E. M.¹; PEDERSOLI, G. R. R.¹;
MOYA, P. T.²

¹ Discentes do Curso de Ciências Biológicas FA

² Mestre docente da Faculdade de Apucarana

RESUMO

Este artigo tem por finalidade analisar e compreender como funciona o processo de inclusão de uma criança surda na escola de ensino regular. Para a construção do presente artigo foi feita a pesquisa bibliográfica. No primeiro momento abordamos uma análise sobre a surdez e, posteriormente, a educação de crianças surdas e a educação inclusiva no Brasil. Há muito que fazer para que a inclusão se efetive de fato e para que se ofereça uma educação inclusiva de qualidade.

Palavras Chave: Inclusão; Surdo; Aluno.

ABSTRACT

This article aims to analyze and understand how the process of inclusion of deaf children in regular school. For the construction of this article was made literature. At first addresses - if surdes and later education of deaf children and inclusive education in Brazil. There is plenty to do for the inclusion becomes effective indeed and that oferte inclusive education quality.

Keywords: Inclusion. Deaf. Student.

INTRODUÇÃO

A educação inclusiva no Brasil é um desafio, pois ainda existe muito para ser feito. Em se tratando da Educação de crianças surdas, nota-se que há uma preocupação maior com sua aprendizagem e com os recursos que ainda estão inadequados a essa comunidade surda, não apenas na escola mais na sociedade em geral, recursos que o auxiliem no seu processo de comunicação com o outro, seja ele ouvinte ou não.

Para Mazzota (1996), entende-se que a comunidade surda tem sofrido muito desde a antiguidade do seu contexto histórico, partindo do seu reconhecimento como ser humano, até a sua aceitação na sociedade e do seu direito de ensinar e de aprender como qualquer ouvinte.

O estudante surdo aprende por vias não auditivas, ou seja, aprende por uma linguagem gestual ou como denominamos de língua de sinais ou simbólica, na qual há um sinal que nomeia objetos, os fenômenos em geral, os verbos, e até mesmo o sinal que eles escolhem para identificá-los e também os ouvintes que interagem com eles. É uma forma de mostrar que eles o aceitem na comunidade deles.

Este artigo tem por finalidade analisar e compreender como funciona o processo de inclusão de uma criança surda na escola de ensino regular. Visto que a inclusão é um tema muito abordado e pesquisado nos dias de hoje, e nós como educadores realizamos um levantamento bibliográfico que possa nos ajudar a entender e compreender o processo de inclusão que muitas das vezes nos desafia causando medo.

De acordo com Costa (2003), a ausência da audição impede que os indivíduos conheçam os sons e, conseqüentemente tenham problemas de comunicação por meio da linguagem oral.

A surdez é caracterizada como perda total ou parcial, congênita ou adquirida, da capacidade de compreender a fala através do ouvido.

Segundo Góes (1996), há diversas causas para a surdez, podendo ocorrer desde a vida uterina até a idade adulta. Elas são agrupadas de acordo com a época em que ocorreu e assim são divididas em: Pré-natal - acometem o sistema auditivo do bebê durante a gestação; Perinatal - lesam o sistema auditivo no momento do nascimento ou até o oitavo dia de vida; Pós-natal - enfermidades que acometem o sistema auditivo depois do oitavo dia.

Para que um indivíduo ouça, é preciso que os sons do meio ambiente alcancem o córtex cerebral, para isso os sons devem passar pelo ouvido externo, médio, interno, nervo auditivo para enfim chegar ao córtex cerebral.

Para Góes (2003), no entanto, o ouvido pode apresentar alterações, e de acordo com tais alterações tem-se diferentes tipos de perda auditiva, as quais podem ser: Perda Auditiva Condutiva – quando a alteração se localiza na orelha externa ou média, ocasionando uma alteração sonora quantitativa; Perda auditiva Neuro sensorial – quando há uma lesão do Órgão de Corti ou neural, provocando dificuldade na discriminação auditiva, isto é, uma alteração quantitativa e qualitativa; Perda auditiva Central – quando o problema está entre o

tronco cerebral até regiões sub corticais, provocando uma alteração quantitativa e qualitativa; Perda auditiva Mista – quando o problema envolve alterações com componentes condutivos e neuro sensoriais simultaneamente. Segundo Costa (2003), a perda auditiva é medida em decibéis (dB) e de acordo com o grau, a perda pode ser classificada: Leve De 25 a 40 Db. Moderada De 45 a 70 dB. Severa De 75 a 85 dB. Profunda Superior a 85 dB

Para Costa (2003), dependendo do tipo de deficiência auditiva (condutiva ou neuro sensorial) e do grau de perda (leve, moderada, severa ou profunda), cada pessoa poderá ter diferentes possibilidades de escutar os sons.

Devido ao impacto da surdez na aquisição e desenvolvimento da linguagem oral, diversos estudiosos defendem a importância da detecção precoce da surdez, afirmando que quanto antes ela for diagnosticada, melhor a participação desses indivíduos nos serviços de intervenção que atendam às suas necessidades.

De acordo com Fortunato (2003), para atender a tais necessidades foram desenvolvidas orientações educacionais para a comunicação dos surdos: o gestualismo e o oralismo.

Fortunato (2003), a linguagem gestual é a forma de se expressar/comunicar através de gestos e mímicas. Essa comunicação pode ser feita representando-se o alfabeto pelos dedos, fazendo a soletração das palavras – datilologia, ou através de sinais que representam conceitos essenciais à comunicação do homem, a língua de sinais.

Segundo Fortunato (2003), a língua de sinais tem uma denominação particular, no Brasil temos a LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais.

Para Fortunato (2003), na orientação comunicativa oralista são desenvolvidas técnicas para que o surdo se comunique através da fala, por acreditar que assim o surdo se integrará melhor à sociedade.

De acordo com Fortunato (2003), as principais técnicas são:- leitura labial ou da fala – habilidade de identificar a palavra falada através de decodificação dos movimentos orais de quem fala.

Mecânica da fala – depende da leitura dos lábios e do treinamento auditivo.

Treinamento auditivo – estimulação auditiva objetivando a exploração dos resíduos auditivos.

Para Fortunato (2003), para que o oralismo obtenha êxito é preciso que seja feito um diagnóstico precoce da surdez com uma indicação do grau e da perda auditiva por meio de triagem audiometria, que deve ser realizada por especialistas. Outra condição é o uso de aparelho de amplificação sonora individual (AASI).

Segundo Filidoro (2001), a Educação Especial é definida, a partir da LDBEN 9394/96, como uma modalidade de educação escolar que permeia todas as etapas e níveis de ensino. Esta definição permite desvincular “educação especial” de “escola especial”. Permite também, tomar a educação especial como um recurso que beneficia a todos os educandos e que atravessa o trabalho do professor com toda a diversidade que constitui o seu grupo de alunos.

Podemos dizer que se faz necessário propor alternativas inclusivas para a educação e não apenas para a escola. A escola integra o sistema educacional (conselhos, serviços de apoio e outros), que se efetiva promotora de relações de ensino e aprendizagem, por meio de diferentes metodologias, todas elas alicerçadas nas diretrizes de ensino nacionais.

Segundo Almeida (2006), o desenvolvimento de uma educação inclusiva obriga a grandes mudanças organizacionais e funcionais em diferentes níveis do sistema educativo, Há alterações na articulação dos diferentes agentes educativos, na gestão da sala de aula e do currículo e no próprio processo de ensino-aprendizagem e, por isso mesmo, pode também originar resistências e medos, que inibam a ocorrência dessas mudanças. Mas, para além das resistências naturais em face de uma situação de mudança, há que ressaltar referir, ainda, as atitudes e crenças dos diferentes agentes educacionais, por vezes, opostas aos princípios que se pretendem implementar.

METODOLOGIA

A elaboração do presente projeto se fará com base em uma fundamentação teórica em levantamentos bibliográficos referentes ao assunto em questão, que desenvolveu o tema e a busca de novos conhecimentos.

Segundo Lakatos (2008), a pesquisa bibliográfica é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema. O estudo da literatura pertinente pode ajudar a planificação do trabalho, evitar publicações e certos erros, e representa uma fonte indispensável de informações, podendo até orientar as indagações.

O tema é muito falado e discutido por vários profissionais, entretanto a que nos toca o real aprofundamento, buscando desse modo aprofundar-se na leitura de vários autores que contribuíssem para a realização do presente trabalho.

CONCLUSÃO

A educação inclusiva parte do princípio de que a escola comum é o lugar (de direito) de todos. As pessoas devem se desenvolver e aprender juntas, sendo atendidas em suas necessidades específicas.

Para o aluno surdo ser incluído deve ser oferecido as mesmas condições para que se desenvolva da mesma forma que os alunos normais, isso implica em uma escola que possua estruturas e professores preparados para atender tais alunos.

Ainda há muito para que a inclusão se efetive de fato, há quem a defenda, mas há muito que se fazer para que se ofereça uma educação inclusiva de qualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Maciel. **A percepção dos professores do 1º C.E.B. e educadores de infância sobre valores inclusivos e as suas práticas.** In D. Rodrigues (Org.). Investigação em Educação Inclusiva (vol.1, pp. 17-43). Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana (2006).

COSTA, Maria da Piedade Resende da. **Compreendendo o aluno portador de surdez e suas habilidades comunicativas.** In: Reflexões sobre a diferença: uma introdução à educação especial. Coleção Magister, 2ª ed.2003.

FILIDORO, Susana. **Adaptações curriculares**. In: Escritos da criança. n. 06, Porto Alegre: centro Lydia Coriat, 2001.

FORTUNATO, Carla Ap. de Urzedo. “**RDLS**: uma opção para analisar a linguagem de crianças surdas usuárias de implante coclear.”2003. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós – graduação em educação especial, Universidade Federal de São Carlos.

GÓES, Maria. Cecilia. Rafael. **Linguagem, surdez e educação**. Campinas: Autores Associados,1996.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2008.

MAZZOTA, Marcos. José. **Educação especial no Brasil**: história e políticas. São Paulo: Cortez, 1996.